

PESQUISA

Classe média já é maioria no País

De 2002 a 2006, famílias com renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 passaram de 44,19% para 51,89% da população

Alessandra Saraiva

RIO

A classe média já é mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do País. Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora ocupam essa faixa foram as grandes beneficiadas pela estabilidade econômica e pelo aumento do emprego com carteira assinada. É o que revela o estudo *A Nova Classe Média*, divulgado ontem pelo Centro Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

Segundo a pesquisa, hoje há mais chances de ascensão social do que há seis anos. Desde 2002, a participação da classe média na população economicamente ativa cresceu de 44,19% para 51,89% nas seis regiões pesquisadas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), que formam a base da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No levantamento da FGV, a classe C é classificada como classe média, com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591. O economista Marcelo Neri, um dos coordenadores da pesquisa, usou dados da

PME para traçar um retrato da atual classe média e sua evolução nos últimos seis anos. Ele aponta como um dos principais fatores para inflar a classe média a expansão no emprego formal. "A carteira assinada é o grande símbolo da classe média", comentou.

O fenômeno é dissociado dos efeitos de programas assistenciais, como o Bolsa-Família, por exemplo. "Na verdade, a nova classe média é aquele segmento do meio, que cresceu muito nos últimos anos: o grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho", afirmou.

Esse aumento do emprego pode ter influenciado na redução da pobreza e da miséria nos últimos seis anos, também revelado pela pesquisa. "Na verdade, o levantamento apresentou um cenário positivo também no combate à desigualdade."

Os dados da análise mostraram o desenvolvimento do Índice de Gini, que mede o grau de desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. O índice varia de 0 a 1, no qual o 0 significa que não há desigualdade e 1, desigualdade máxima, ou seja,

apenas um pequeno grupo detém toda a renda da sociedade. De abril de 2002 para abril deste ano, o Índice de Gini passou de 0,62 para 0,58.

Neri comentou ainda que a participação das famílias na faixa da miséria (renda próxima de zero) no total da população caiu de 34,93% para 25,16%, nos últimos seis anos. "Estamos com uma boa safra de indicadores sociais, nunca antes vista."

Um dos pontos fracos apontados pelo estudo foi a ausência de mão-de-obra qualificada para cargos com maiores salários. "Antes tínhamos uma crise de

desemprego; hoje temos um apagão de mão-de-obra", disse. A pesquisa revelou ainda que a renda média domiciliar total da população saltou de R\$1.784,08 para R\$ 1.956,90 de abril de 2002 para abril deste ano, um aumento de 9,6%.

Nos últimos seis anos, a participação das classes A e B (famílias de renda acima de R\$ 4.591 mensais) também cresceu nas seis regiões, passando de 11,61% para 15,52%. Já a participação das famílias de classe mais baixa, que ganham menos de R\$ 1.064 por mês, caiu de 46,13% para 32,59% da população. ●



PODIA MELHORAR – Para Maria Remédios, classe média deveria pagar menos imposto que a rica

‘Ainda há desequilíbrio’

... Com o aumento da renda dos brasileiros e o conseqüente crescimento da classe média, diversas pessoas passaram a ter acesso a recursos que anteriormente não tinham, como internet, livros e eletroeletrônicos. Mas ainda há espaço para melhoras, diz a psicóloga Maria Remédios Docampo Antonini, cuja renda familiar se encaixa nos padrões considerados de classe média no País.

Ela atualmente está fazendo uma reforma no apartamento, na zona Sul de São Paulo. "Ser da classe média significa que você pode ter acesso a um imóvel, um carro, internet, cultura. Mas também quer dizer que você paga todos os impostos, não ganha nenhum benefício por isso e não tem o padrão de vida de um rico", critica ela. "Claro que é melhor que ser pobre e não ter acesso a nada disso, mas ainda está longe de ser o ideal do que se considera 'médio'".

Ela conta que, no dia-a-dia,

mantém uma alimentação saudável, compra alguns livros e, às vezes, janta fora. "Mas não posso fazer isso sempre." Ela cita como um dos principais exemplos do desequilíbrio brasileiro as alíquotas do Imposto de Renda. "De repente, ela pula de cerca de 11% para 27%. A classe média paga 27%, assim como a classe alta. Por que não criam mais faixas?"

Outra disparidade seria o rodízio. "Uma família rica tem mais de um carro, então dribla o rodízio. Uma família pobre, infelizmente, nem carro tem. E a família de classe média, com um carro só, fica sem poder usar – acaba como a mais prejudicada."

A psicóloga concorda com a definição do economista Marcelo Neri, da FGV, de que a classe média cresceu com renda a partir do próprio trabalho. "É uma faixa de renda que não recebe nenhuma ajuda como Bolsa-Família. Ou seja, esse crescimento vem do esforço próprio." ●

ASCENSÃO SOCIAL

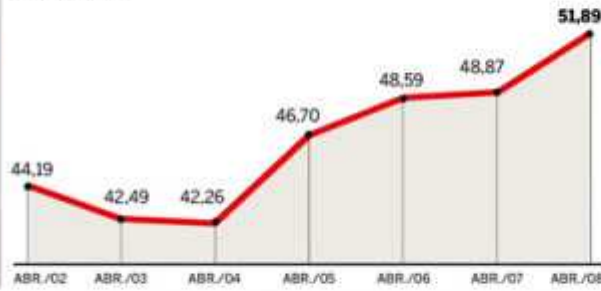
Definição das classes sociais

RENDIA MENSAL EM REAIS

FAIXAS	CLASSE	LIMITES	
		inferior	superior
● Pobre	E	0	768
● Remediado	D	768	1.064
● Classe média	C	1.064	4.591
● Elite	A e B	Acima de 4.591	

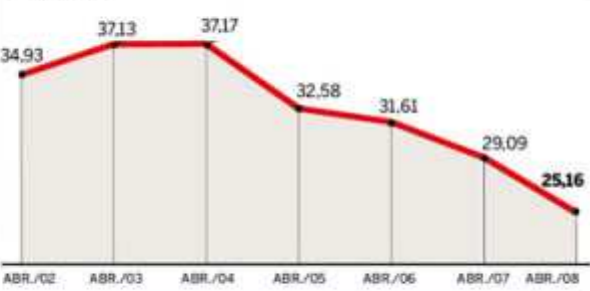
Participação da classe média no total da população pesquisada

EM PORCENTAGEM



Participação das pessoas em condição de miséria no total pesquisado

EM PORCENTAGEM



FONTE: CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS (CPS)/INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA (IBRE)/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). COM BASE NOS DADOS DA PESQUISA MENSAL DE EMPREGO (PME) DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) INFOGRÁFICO: KE